

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)

Todas estas nações da lusofonia africana se tornaram independentes em 1974-75, na sequência do processo de descolonização de [Portugal](#), resultante da Revolução do 25 de abril de 1974, do fim do [Estado Novo](#) e do fim das guerras contra o domínio de [Lisboa](#), particularmente em [Angola](#), [Moçambique](#) e [Guiné-Bissau](#).

Tornados independentes e com um rumo próprio, cada um mergulhou nas órbitas de influência geopolítica de conveniência, tendo em conta as suas potencialidades económicas e estratégicas. A [exclusão social](#), a pobreza, a fome e a violência marcam ainda o panorama dos PALOP.

Angola

O maior dos PALOP (1 246 700 km₂) é também o potencialmente mais rico em termos de recursos (petróleo, diamantes) e o mais conturbado politicamente, tendo vivido um longo período em clima de guerra civil. Com mais de 10 milhões de habitantes e uma diáspora de aproximadamente 3 milhões de angolanos, experimenta assimetrias de distribuição de riqueza enormes e um baixo [nível de vida](#) entre a população, com uma taxa de inflação altíssima (chegou aos 90% em 1998), pobreza urbana na ordem dos 66%, [êxodo rural](#) maciço e deslocados e mutilados de guerra em grande escala. O desemprego é superior aos 30-40% da população.

Moçambique

Com 801 590 km₂ e mais de 19 milhões de habitantes, é o segundo maior dos PALOPS, mas um dos mais agitados em termos políticos e de violência, embora com um processo de democratização mais avançado que [Angola](#). Assistiu a uma guerra civil dilacerante, com inúmeras mudanças em termos económicos e sociais, mas com um processo de paz que começou a ser implantado a partir de 1992, ainda que com várias fraturas sociais e políticas. Com os seus recursos destruídos e consumidos pela guerra, atravessa uma fase de reconstrução de infraestruturas e de relançamento da produção agrícola, a sua maior fonte de riquezas, já que não tem tantos [recursos minerais](#) estratégicos como [Angola](#). A migração para as minas da [África do Sul](#) diminuiu. A maior parte da população é rural.

Guiné-Bissau

Um dos mais agitados países dos PALOP, é também um dos mais pobres e de menores dimensões (36 120 km₂), com mais de 1 360 000 habitantes, em grande parte muçulmanos. Depois de uma guerra civil de 11 anos, experimentou alguma acalmia, mas sem progresso económico, que foi ainda mais afetado entre 1998 e 1999, quando ocorreram violentos conflitos político-militares, que fizeram descer a produção agrícola e mergulharam o país numa crise de que ainda não vê saída. Possui uma dependência alimentar enorme e um atraso tecnológico maior, com um escasso e

depauperado tecido industrial. Possui alguns [recursos minerais](#) por explorar, como acontece com a pesca, uma das suas riquezas, a par das potencialidades turísticas. Regista de há muito elevados fluxos migratórios, não apenas para fora do país mas também em termos de [êxodo rural](#), com profundas alterações de [ordem social](#).

Cabo Verde

O mais árido dos PALOP, o estado insular de [Cabo Verde](#) (10 ilhas, 4 033 km₂) e c. 412 000 habs.), conheceu algum progresso económico entre 1988 e 1995, caindo depois numa situação de menor crescimento. As secas são o grande flagelo das ilhas, com degradação ambiental e empobrecimento da população. A agricultura é a principal fonte de riqueza, a par das divisas do turismo e das remessas dos emigrantes, mas a desertificação das ilhas tem comprometido as produções, elevando a taxa de desemprego da população para taxas superiores a 25%. É um dos países africanos com maior taxa de participação ativa da mulher na sociedade e na administração, pontificando também entre os que mais têm combatido com sucesso o analfabetismo.

São Tomé e Príncipe

O mais pequeno dos PALOP (1001 km₂) é composto por duas ilhas e tem cerca de 165 mil habitantes, com uma densidade populacional elevada (164,8 habs/km₂). A maior parte da população vive nas mesmas condições em que vivia há 30 anos, sem infraestruturas sanitárias e habitações precárias. Depois de uma economia centralizada e de modelos governamentais fortemente intervencionistas, assistiu-se, desde os anos 80, a uma liberalização económica do país, mas sem grandes resultados, apesar dos esforços na área da agricultura (cacau) e do turismo, principais fontes de receita do PIB são-tomense. Cerca de 40% da população é tecnicamente pobre, com um rendimento inferior a um [dólar americano](#) por dia, em média, num país com uma elevada dívida externa e baixa produção. Este cenário parece no entanto poder vir a mudar, já que foram avaliadas enormes potencialidades para o país na produção de petróleo no seu *off-shore*, o que abre grandes esperanças aos são-tomenses, mas uma vizinhança difícil com a poderosa [Nigéria](#).